

**OS IMPACTOS DO ENSINO REMOTO, DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19,
NA SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES DE MEDICINA**

Amanda Gomes de Alvarenga¹
Icaro Silva Dornelas¹
Isadora Nascimento dos Santos¹
Flávio Takemi Kataoka²
Lúcio Flávio Sleutjes³
Érica Stoupa Martins⁴
Deyliane Aparecida de Almeida Pereira⁵
deyliane.univertix@gmail.com

ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

RESUMO:

A pandemia do COVID-19 propiciou um novo cenário de adaptação para todos, essencialmente no contexto educacional com a implementação do ensino remoto. Essa pesquisa abordará, em especial, o contexto dos estudantes de medicina, que estão preocupados com o futuro, o manejo/gestão do tempo para aprendizado e o medo da infecção, por exemplo. Em vista disso, o fito do presente estudo consiste em compreender a realidade dos universitários desse curso, assim como os impactos da educação a distância na saúde mental. Para tanto, utilizou-se da pesquisa qualitativa, do tipo descritiva, para realização de uma revisão sistemática da literatura. A base de coleta de informações foi o Google Acadêmico, na qual selecionou-se 219 artigos e, destes, 5 foram utilizados para efetivação da investigação. Observou-se nas produções que a maioria dos acadêmicos possuíam indícios de sofrimento psíquico (ou pelo menos de sentimentos irregulares, negativos e que deprimem o humor, já que não conseguem manter normais as atividades diárias), sendo que predominava indivíduos do sexo feminino, solteiros, dos três primeiros anos do curso e da faixa etária de 18 a 23 anos. Conclui-se que a pandemia e, por conseguinte, o isolamento comunal e a educação remota, devido às novidades e às incertezas, aumentaram a incidência de problemas psicológicos e impactaram na saúde mental dos universitários de medicina a curto- sentimento de solidão e medo- e a longo – estresse, ansiedade e depressão- prazo, bem como faz necessária a atuação de instituições nesse tipo de preparo, prevenção, identificação e trabalho.

¹ Graduandos do 1º Período do Curso de Medicina, Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.

² Coordenador e professor do Curso de Medicina da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.

³ Graduado em Fisioterapia, Mestre em Motricidade, Doutor em Cinesiologia. Professor e Diretor Geral da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX.

⁴ Graduada em Serviço Social, com Pós-graduação em Gestão de Recursos Humanos e Mestrado em Serviço Social. Professora da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.

⁵ Licenciatura e Bacharel em Educação Física – UFV. Mestre em Educação Física – UFV. Doutora em Ciências da Nutrição UFV. Professora da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.

Palavras-chaves: Impactos; Saúde Mental; Estudantes de Medicina; Ensino Remoto; Pandemia.

1. INTRODUÇÃO:

O SARSCoV-2, causador da Covid-19, é chamado de “novo” coronavírus por ser capaz de causar infecções respiratórias, podendo desencadear também febre, tosse seca, cansaço, diarreia e, até mesmo, cefaleia (SALLES *et al.*, 2021; SILVA *et al.*, 2020).

A COVID-19 consiste em uma mazela extremamente infecciosa cujo primeiro caso foi constatado em dezembro de 2019, em Wuhan, na China. Em seguida, evidenciou-se que o vírus rapidamente espalhou-se para outras regiões da Europa, da América e do Mediterrâneo. Essa propagação desmedida causada, em primeiro lugar pelo elevado potencial de transmissão deste agente etiológico e, em segundo lugar, pela evolução de uma série de complicações, tais como: a necessidade de terapia intensiva e até mesmo o óbito, propagou uma pandemia (TEIXEIRA *et al.*, 2021; ARAGÃO *et al.*, 2021).

Diante desse cenário, as medidas preconizadas para reduzir a propagação do vírus foram o isolamento social e o lockdown em algumas regiões, o que acarretou, por conseguinte, em gradativas ações rigorosas de restrições que resultaram no fechamento de estabelecimentos educacionais (escolas e universidades), espaços de lazer e de convívio social (bares, praias e igrejas, por exemplo). Tais atos impactaram no convívio social da população, em diversos setores da economia, da política, da saúde e da educação, por exemplo (TEIXEIRA *et al.*, 2021; BECKER *et al.*, 2021).

No âmbito educacional, implementou-se o ensino remoto, que alterou o cotidiano dos estudantes, especialmente no que diz respeito ao manejo/gestão do tempo para estudo, do foco, da concentração e de novos meios de aprendizagens. Associados com isto, Aragão *et al.* (2021), afirma que há impactos na saúde mental e tem-se aumentado a prevalência de sintomas depressivos e alterações no humor em estudantes universitários, sobretudo nos cursos da área da saúde.



Em acréscimo, é pertinente mencionar que a organização do curso também foi modificada, haja visto que os principais locais de aglomeração precisaram de ser fechados. Sendo assim, grande parte dos estudantes de medicina tiveram seus exercícios acadêmicos realizados por meio de plataformas digitais, enquanto alguns tiveram suas atividades totalmente interrompidas e uma minoria continuou com o ensino de forma presencial ou híbrida, ou seja, com aulas teóricas virtuais em paralelo às tarefas práticas que ocorriam de forma presencial (TEIXEIRA *et al.*, 2021; SALLES *et al.*, 2021).

Tal fato demonstra que grande parte da educação foi transferida para o ambiente domiciliar, que é marcado por distrações, por exemplo, com os animais domésticos, que reduzem a concentração e a aquisição de conhecimento. Além disso, muitos acadêmicos contam com a permanência da família nesses locais, o que, por conseguinte, acarreta barulho e inquietação, fatores esses que, somados à impossibilidade da realização de provas e de trabalhos presenciais, também alteram a ordem do ensino. Outrossim, cabe destacar, que os discentes do curso de medicina, possuem intensa carga horário, o que requer gestão rígida do tempo, exposição excessiva a dispositivos eletrônicos, isolamento social e perda do suporte social presencial. (TEIXEIRA *et al.*, 2021; SALLES *et al.*, 2021).

Paralelamente, conforme Teixeira *et al.* (2021) e Becker *et al.* (2021) ocorreram variações nas metodologias e nas práticas de ensino, posto que predominam o formato on-line e a distância. Cabe destacar que essa educação remota emergencial se caracterizou pelo despreparo profissional e pelas falhas nas plataformas virtuais, visto que diversas instituições não possuem políticas institucionais para ensino a distância, bem como existem desigualdades sociais que refletem no acesso a um serviço de internet de qualidade e estável e há falta equipamentos eletrônicos de uso pessoal.

Tal cenário resulta, segundo Teixeira *et al.* (2021), em medos, em incertezas e em instabilidades emocionais. Ainda sob esse viés, Silva *et al.* (2020) e Salles *et al.* (2021) declaram que essa situação impactou as perspectivas de futuro dos estudantes de medicina, em função do atraso na formação, da interrupção das aulas

práticas, da impossibilidade de desenvolvimento de atividades extracurriculares e de cursos de extensão presenciais.

Em adição, no viés referente à saúde mental, Teixeira *et al.* (2021) defende a implementação, nas instituições de ensino, de uma rede de apoio psicossocial, de vínculos e de relações comunitárias, visto que são fundamentais no contexto da saúde psíquica. Segundo o autor, tal prerrogativa advém do fato que o suporte social, retirado na pandemia, é essencial para proteger a sanidade psicológica, essencialmente, dos estudantes de medicina, os quais já são mais vulneráveis ao adoecimento intelectual em virtude de fatores como a exposição a uma extensa carga horária, estresse, cobranças internas e externas, hostilidades (de docentes e de discentes), responsabilidades e expectativas pessoais e impessoais.

Simultaneamente, ainda se faz necessário considerar que a não realização das atividades rotineiras presenciais, devido ao isolamento social, pode ocasionar sentimentos de tristeza, preocupação, angústia, medo, solidão, perda de prazer, insônia, diminuição da qualidade do sono, perda de esperança no futuro, e pensamentos negativos. Por consequência, verifica-se que houve um aumento não só nos índices de estresse, ansiedade e de depressão entre esses universitários, mas também no desencadeamento do suicídio, de Síndrome de Burnout e de fadiga mental (TEIXEIRA *et al.*, 2021; SALLES *et al.*, 2021; SILVA *et al.*, 2020; ARAGÃO *et al.*; 2021; BECKER *et al.*;2021).

Frente ao que foi dito, surgem os seguintes questionamentos: Quais sintomas mentais a pandemia da Covid-19 causou nos estudantes de medicina? Como o ensino remoto impacta – a curto e a longo prazo- a saúde psicológica desses universitários? Quais as possíveis e futuras ações e soluções relacionadas a essa temática? Logo, torna-se relevante compreender os impactos do ensino remoto emergencial, durante a pandemia de covid-19, na saúde mental dos estudantes de medicina, bem como o contexto no qual estão inseridos. Secundariamente, pretende-se desvelar possíveis soluções relacionadas a essa problemática.

Estudos como este são importantes, visto que esse assunto é hodierno e incipiente, o que torna as informações aqui contidas relevantes para o conhecimento

e entendimento do tema. Ademais, a dada investigação permite não só o conhecimento acerca da realidade dos estudantes de medicina no contexto de ensino remoto em função da pandemia de covid-19, mas também em relação a saúde mental desses indivíduos bem como os principais sintomas de sofrimentos psíquicos. Por fim, essa é mister para a elaboração de possíveis soluções e estratégias para a problemática e para a melhoria da educação a distância, especialmente na área da saúde, assim como para futuras pesquisas de campo que abranjam e ampliem a temática.

2. MÉTODOS

Para tanto, utilizou-se da pesquisa qualitativa, do tipo descritiva, para realização de uma revisão sistemática da literatura, sendo assim, houve uma coleta de informações para descrever características pertinentes relacionadas ao psíquico social dos estudantes de medicina durante o ensino remoto na pandemia. Adicionalmente foram inseridos relatos e percepções dos acadêmicos quanto a esta nova realidade dos discentes de medicina.

O local de coleta de informações foi o Google Acadêmico, devido à possibilidade de encontro de mais dados substanciais para a pesquisa. A amostra foi composta por produções científicas, mediante pesquisa com termos concatenados “estudantes”, “medicina”, “saúde mental”, “pandemia”, “ensino remoto” e “impactos” combinados pelo operador booleano “and”, com seleção de artigos em idioma português e no período de 2019 a 2021. Obteve-se como resultados 219 artigos e selecionou-se 5 artigos pertinentes ao escopo da pesquisa.

Os critérios de exclusão foram pautados no período anterior a pandemia de covid-19, que não se relacionassem com a saúde mental e que não abrangesse estudantes de medicina. Os critérios de inclusão se basearam em artigos que tivessem respaldo científico, que compreendessem a relação entre saúde mental de estudantes de medicina no período da pandemia e idioma português.

Para compreensão dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo categorial, que segundo Bardin (2011) corresponde a um conjunto de técnicas viabilizadas por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição para se inferir conhecimentos úteis à concepção e entendimento de determinados conteúdos teóricos. Elencou-se as seguintes unidades de análise: i) Realidade social e educacional dos universitários do curso de medicina: um relato; ii) Características do ensino remoto emergencial e impactos da pandemia da Covid-19 e do ensino remoto emergencial na saúde mental.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Realidade social e educacional dos universitários do curso de medicina: relato de acadêmicos

Conicionados a locais mais restritivos durante a pandemia, as salas de estar e os quartos se tornaram o principal ambiente de estudo dos universitários, sobretudo, dos graduandos em medicina. Anterior ao período pandêmico, os acadêmicos do curso de Medicina possuíam uma realidade socioeducacional inteiramente díspare em relação ao momento vivenciado na hodiernidade.

Nesse sentido, se antes acordar às 06:30, tomar um café da manhã e partir para o campus e prosseguir uma longa jornada de estudos até o anoitecer era típico do cotidiano, hoje, essa façanha não é mais válida. No atual contexto, os universitários da medicina lidam com o dilema de contracheque de suas relações sociais e educacionais, em que, num aspecto macro, as distintas posições sociais pareiam um modo diferente de cada um sobre como lidar com as obrigatoriedades e necessidades do dia a dia, principalmente em relação à educação.

Exemplo patente dessa conjuntura é que o convívio diário, ora com a própria família, ora com amigos, abrange vários entraves, sejam por desentendimentos, sejam pela ausência de espaço, seja pela redução da privacidade, conforme Salles *et al.* (2021). De outro modo, ao analisar o relacionamento dos estudantes com seus

colegas, visualizou-se que mais de 70% mantiveram seus relacionamentos normalmente, enquanto 18% admitiram ter tido menos conflitos que antes da pandemia e, por fim, 9% têm tido mais conflito que o habitual. Portanto, fica claro que a defasagem dos hábitos exigiu uma postura a mais dos jovens, principalmente porque a falta de contato com a sociedade levou a um processo de reclusa, em que o emocional foi fortemente abalado devido ao enfraquecimento das relações interpessoais, ao passo que, concomitantemente, passaram a lidar com uma nova forma de aprendizagem, o ensino remoto.

Tem-se que o estudo remoto emergencial se mostrou como uma possibilidade ao prosseguimento das atividades acadêmicas, as quais, no curso de medicina, tornaram-se quase completamente estagnadas por se tratarem, em sua maioria, de matérias que exigem práticas. Esta modalidade de ensino compreende-se por transmitir por meio de plataformas virtuais os conteúdos que, outrora, eram passados em lousas e explicados pessoalmente por grandes mestres da área.

Diante desse cenário, a adaptação a esse ensino se apresenta como um obstáculo aos alunos, posto que requer mais disciplina para acompanhar as aulas em tempo real, exige mais foco devido ao ambiente que se torna propício à dispersão, por estarem em casa, além de possíveis contratempos do próprio meio, uma vez que a instabilidade na rede de internet atrapalha a transmissão das atividades. Logo, a soma desses fatores do ensino remoto condiciona um cenário que tende a uma menor produtividade dos acadêmicos de medicina, que, aliado ao afastamento dos laços pessoais, criam brechas para o desenvolvimento de indivíduos desmotivados, com sentimento de incapacidade, que acreditam não estar aprendendo no sistema on-line e que tendem a desenvolver problemáticas emocionais.

3.2. Características do ensino remoto emergencial e impactos da pandemia da Covid-19 e do ensino remoto emergencial na saúde mental.



Teixeira *et al.* (2021) afirmam que se torna imprescindível o reconhecimento e a análise da influência das características referentes ao desenvolvimento biopsicossocial dos universitários de medicina. Os autores evidenciam o predomínio de sinais de adoecimento mental e psíquico superior em mulheres em contrapartida aos perceptíveis nos homens, considerando a mesma graduação. Isso é causado, posto que, além de o gênero feminino ter maior predisposição aos transtornos mentais e ao estresse oriundos dos variados papéis e das distintas jornadas de trabalho, quer no ambiente profissional, quer no ambiente pessoal, ainda deve lidar com alterações hormonais.

Outro fator que merece destaque, quanto às questões de ordem biopsicossocial, segundo Teixeira *et al.* (2021), é o estado civil. A maioria dos alunos são jovens solteiros, o que gera instabilidade no desenvolvimento físico e emocional (preocupações com o futuro, com o sustento, com status, com contatos e com responsabilidades). Assim, devido à ausência de um parceiro fixo, os púberes se tornam mais suscetíveis à solidão, à depressão, à ansiedade, à insegurança, ficando evidente um terreno fértil e propício para demonstração de sintomas de sofrimento psíquico.

Cabe destacar que o período no qual o aluno de medicina está matriculado tem associação com sintomas de adoecimento mental, conforme exposto por Teixeira *et al.* (2021). Os autores afirmam que os discentes com maior tendência de apresentação de sintomas de adoecimento mental encontram-se nos três primeiros anos de curso, em decorrência de circunstâncias estimuladoras de estresse. A exemplo disso, tem-se a autocobrança, a falta de saber como aprender por si só sem a facilitação de um professor didático, o acúmulo de matérias atrasadas, a proximidade de provas, a dificuldade de trabalhar em equipe, a multiplicidade de atividades extracurriculares, a ansiedade quanto à preparação de um currículo perfeito, a extensa e exaustiva carga horária de estudos e a baixa qualidade de vida (derivado da ausência de sono, da baixa execução de esportes e do escasso tempo para lazer e para hobbies).

Diante do exposto e corroborando com Teixeira *et al.* (2021) evidencia-se o predomínio de pessoas com indícios de sofrimento mental em pelo menos 62,8% acadêmicos, apresentando sono desregulado (oriundo da falta ou da precariedade de horas bem dormidas); gastrites; dores de cabeça; dificuldade na digestão; ausência de apetite e tremores nos membros superiores. Em adição, tem-se a redução do ânimo, do engajamento, da resiliência, do foco, da disciplina e da autoeficácia para executar tarefas, bem como aumento do cansaço, rotineiramente maior do que o habitual. Associados a isso, os autores identificaram que metade da amostra estudada admite sentir insegurança, medo, dúvida, ansiedade ao tomar decisões.

Desse modo, pode-se concluir que o contexto de pandemia, sobretudo no que tange ao isolamento social e ao período de incertezas, promove nos estudantes de medicina a curto prazo sentimentos de solidão, ansiedade e apatia. Já a médio e a longo prazo, depressão e estresse, demonstrando sinais de adoecimento mental.

Nesse contexto, Salles *et al.* (2021) identificou que, no que se refere à mudança da percepção do modo com que os indivíduos enfrentam o cotidiano durante a pandemia da COVID-19, 98% dos participantes relataram que houve alteração. Os autores apontaram que as alterações estão relacionadas aos sentimentos notados no início da pandemia, visto que 49% dos estudantes admitiram ansiedade, 21% estresse, 11% preocupação e 6% tristeza.

Salles *et al.* (2021) afirmam que tais sinais de adoecimento mental podem estar concatenados à menor execução de atividades da vida diária, haja vista que aumentou o número de pessoas que passaram a efetivá-las dessa maneira. Isso é causado, sobretudo pelo isolamento social, mas também por hábitos como: o lazer, a interação social e atividade física que podem estar associados a menor manifestação desses sintomas psicológicos nas atividades diárias se as restrições promovidas pelo isolamento não existissem.

Prova disso é que no estudo desenvolvido por Teixeira *et al.* (2021), somente 22,2% dos universitários admitiram estar tentando manter uma rotina de vida saudável e, por conseguinte, dormindo em quantidade suficiente e com a qualidade



desejada; praticando esportes ou atividade física frequentemente; estudando com alta performance; tendo momentos de descanso e de lazer, apesar de todas as adversidades provocadas pela pandemia de COVID-19.

Ademais, é relevante compreender se os acadêmicos possuíam diagnóstico prévio e validado de transtorno mental antes da pandemia de COVID-19, de acordo com Teixeira *et al.* (2021). Os autores constaram que 19,7% dos estudantes relataram transtornos de ansiedades, 11,7% transtornos depressivos, 2,4% transtorno de déficit de atenção e de hiperatividade (TDAH), 1,7% transtorno obsessivo-compulsivo (TOC), 1,5% transtorno da personalidade borderline, 1,1% transtorno bipolar e 0,8% outros transtornos.

Essa realidade possibilita inferir que embora os estudantes com algum diagnóstico prévio relataram ter seus sintomas intensificados durante a pandemia, esses não foram os únicos a notarem alterações psicológicas, emocionais e comportamentais, porquanto até quem antes da COVID-19 não admitia ter algum transtorno mental, não conseguiu manter uma rotina de vida saudável, bem como sentiu-se mais cansado, nervoso, preocupado, tenso, improdutivo, crítico, inseguro (TEIXEIRA *et al.*, 2021).

Frente ao exposto, Salles *et al.* (2021) declaram que se torna irrefutável que o completo desenvolvimento biopsicossocial é imprescindível para manutenção do equilíbrio mental e físico, principalmente no contexto de COVID-19, uma vez que as emoções se recrudesceram e, portanto, ocasionaram-se discussões mais facilmente e, paralelamente, propiciaram mais árdua a tentativa e a resiliência para lidar com sentimentos e pensamentos distorcidos. Nesse sentido, é mister reconhecer a presença de sentimentos novos oriundos da realidade de pandemia, como a ansiedade por não ter previsão para o término, do isolamento social e das restrições atreladas a eles.

Nessa conjuntura hodierna, a saúde mental de profissionais da saúde merece um enfoque especial por estarem em contato direto com os afetados, experimentando a pandemia por um ponto de vista mais explícito e pessoal. Ilustração real disso é o medo desses de terem contato com indivíduos

contaminados e transmitir para os familiares, em consonância com o exposto por Salles *et al.* (2021). Concomitantemente, há que se considerar que os universitários de medicina também possuem esse receio, na medida em que estão inseridos em atividades práticas curriculares e extracurriculares para a complementação da sua formação. Outrossim, ainda permeiam a mente dos estudantes a preocupação com uma possível formação atrasada e a insegurança sobre o futuro posterior à pandemia. Em adição, ainda tem que se analisar a necessidade de um equipamento para transmissão das aulas, a instabilidade da internet e a dificuldade para criar um ambiente para assistir às aulas que torna mais desconfortável e estressante a rotina dos discentes.

Logo, de acordo com Salles *et al.* (2021) tem-se que indagações a respeito de como controlar a COVID-19, a duração do isolamento e como seu desdobramento afetará a vida de todos, apresentam fatores de risco à saúde mental da população geral, gerando insegurança, estresse, ansiedade. Corroborando com isto, Schimidt (2020) afirma que a difusão de mitos e informações equivocadas sobre a infecção e as medidas de prevenção são capazes de intensificarem a incerteza acerca de quais orientações deve-se seguir.

Desse modo, consoante com Salles *et al.* (2021) e Crepaldi *et al* (2020) torna-se imperioso ficar atento quanto à relevância do cuidado à própria saúde mental diante das adversidades experimentadas frente a essa grave emergência de saúde pública. Isso é verificável, porquanto estudantes resilientes têm menos depressão e melhores qualidade de vida e condições de aprendizagem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, fica evidente que os resultados da presente pesquisa corroboram para evidenciar a relevância da análise dos impactos na saúde mental dos estudantes de medicina no ensino remoto durante a pandemia de COVID-19 não só para conscientização das causas e das consequências dessa mazela social na vida desses universitários, mas também para incentivar a imprescindibilidade do

apoio multiprofissional e, em especial, psicológico a esses estudantes nessa fase árdua. Ademais, ela tem como objetivo estimular novos estudos que tratem dos efeitos da COVID-19 na formação e na preparação acadêmica desses discentes.

No entanto, algumas limitações podem ser consideradas em decorrência, sobretudo da escassez de estudos específicos a essa temática, principalmente no Brasil devido à recentidade do ensino remoto emergencial. Em adição, sugerem-se novas pesquisas, de campo, que investiguem se os impactos encontrados na literatura corroboram com a realidade das populações estudadas.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, José Aderval *et al.* Ansiedade, depressão e outros transtornos mentais no estudante de medicina durante a pandemia da COVID-19. *In.*: DAL MOLIN, Rossano Sartori. **Saúde em Foco: doenças emergentes e reemergentes**. Guarujá-SP: Científica Digital, 2021, v. 2.

Bardin, L.(2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

BECKER, Alice Scalzilli *et al.* O impacto na saúde mental de estudantes universitários submetidos ao ensino digital remoto durante o isolamento social decorrente da pandemia de Covid-19: uma revisão sistemática. **ARTIGO ESPECIAL**, v. 65, n. 1, p. 2-11, 2021.

CREPALDI, M. A.; SCHMIDT, B.; NOAL, D. S.; BOLZE, S. D. A. & GABARRA, L. M. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Estudos de Psicologia*. Campinas. v 37, e200090, 2020.

FIGUEIREDO, Luiz Tadeu Moraes. Pneumonias virais: aspectos epidemiológicos, clínicos, fisiopatológicos e tratamento. **Jornal Brasileiro de pneumologia**, v. 35, n. 9, p. 899-906, 2009.

SALLES, Gabriel Etienne Brito *et al.* Mudanças comportamentais e resiliência dos estudantes de Medicina em meio à Pandemia da Covid-19. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 2, p. 8451-8463, 2021.

SILVA, Andréia Cardoso *et al.* O impacto psicológico da pandemia de COVID-19 nos acadêmicos de medicina da região de Carajás. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 6, p. 19731-19747, 2020.



SCHMIDT, B., CREPALDI, M. A.; BOLZE, S. D. A.; SILVA, L. & DEMENECH, L. M. Impactos na Saúde Mental e Intervenções Psicológicas Diante da Pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19). *Estudos de Psicologia*. Campinas, v 37, 2020.

TEIXEIRA, Larissa de Araújo Correia *et al.* Saúde mental dos estudantes de Medicina do Brasil durante a pandemia da coronavirus disease 2019. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 70, p. 21-29, 2021.